



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teorias Literárias e Literatura

A Amizade, a Relação Homoerótica, os indícios autobiográficos e a
influência das experiências pessoal nos contos:

Frederico Paciência de Mário de Andrade e
Pílades e Orestes de Machado de Assis

Brasília, dezembro de 2017

Andréa Alves Ferreira

A Amizade, a Relação Homoerótica, os indícios autobiográficos e a influência das experiências pessoais nos contos:

Frederico Paciência de Mário de Andrade e
Pílades e Orestes de Machado de Assis

Trabalho apresentado ao Departamento de Letras da universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português, sob a orientação do Prof.Dr. Anderson Luís Nunes da Mata.

Aos gays, lésbicas, travestis,
transgêneros e aos autores
que ousaram trazer à cena
pública seus desejos e suas
múltiplas, mas verdadeiras
formas de amar e viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

a Deus por me conceder o Dom da vida e me dotar de saúde diariamente para que eu tivesse sabedoria e disposição na busca de conhecimentos, tornando assim meus sonhos e conquistas alcançáveis.

aos meus pais, meus primeiros professores, mesmo tendo os estudos limitados devido à necessidade de sobrevivência, sempre foram estimuladores do saber valorizando sempre a educação, abrindo mão de desejos próprios para que priorizassem a formação escolar minha e de minhas irmãs.

especialmente a minha Pequena, minha incansável companheira, com a qual tenho a imensa alegria em compartilhar a vida. Obrigada por estar sempre ao meu lado, obrigada por compreender as minhas ausências, por me incentivar, por sonhar comigo, obrigada pelo apoio constante, obrigada por abraçar e acreditar na educação como uma ferramenta transformadora na vida do ser humano.

ao Prof.Dr. Anderson Luís Nunes da Mata pelas possibilidades de leituras criadas neste trabalho, pelas horas de partilhas, dúvidas, buscas e conselhos pelo melhor caminho a seguir. Pela alegria, entusiasmo e prazer divididos nos encontros, pelas perguntas e respostas, pela paciência e compreensão ... pelo exercício de amizade, por tudo e todos que seu nome representa e agrega: uma literatura, no presente e futuro, sem medo.

aos professores do Instituto de Letras que no exercício da docência contribuíram de forma positiva para a minha formação, aos colegas de curso que tornaram a caminhada mais leve e descontraída, somando verdadeiramente para as minhas novas percepções de vida.

“Alguns homens vêem as coisas como são, e dizem ‘Por quê?’ Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo ‘Por que não?’” (George Bernard Shaw)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de abordar a amizade, a relação homoerótica nos contos “Frederico Paciência” de Mário de Andrade e “Pílades e Orestes” de Machado de Assis, acrescentando ainda a possibilidade de ambos os contos terem influências de experiências pessoais dos autores nas suas construções. O trabalho perpassa pelo conceito de amizade e como ela interage com a literatura, definições de homoerotismo, homossexualismo, homoafetividade e a percepção de ambos dentro dos textos analisados.

Palavras-chave: amizade, homoerotismo, representação, literatura.

ABSTRACT

This work has the objective of approaching the “friendship”, the homoerotic relation in the stories of Frederico Paciência de Mário de Andrade and Pílades and Orestes de Machado de Assis. The study adding also, the possibility of both stories to have influences of personal experiences of the authors in their constructions. In this context , the work goes through the concept of friendship and how it interacts with literature, definitions of homoeroticism, homosexuality, homoafetivade and the perception of both within the texts analyzed.

Keywords: friendship, homoerotism, representation, literature

.

Introdução	9
Capítulo I	
1.1 Amizade.....	10
1.2 Homossexualismo, Homoerotismo e Homoafetividade.....	12
Capítulo II	
A relação homoerótica nos contos	15
Capítulo III	
Análise do Conto Pílades e Orestes.....	17
Capítulo IV	
Análise do Conto Frederico Paciência	19
Considerações Finais	22
Referências Bibliográficas	24

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado para a conclusão do curso de graduação em Licenciatura/Letras português. Seu tema nasceu de uma inquietação. Vivemos em uma sociedade que tenta ditar padrão e muitas vezes impõe regras de acordo com a conveniência favorável a ela. Logo o que for diferente desse “padrão” gera polêmicas, vira motivo para hostilizar, para excluir, para rotular. Não devemos nos submeter a tais injustiças, já nascemos com o direito e o livre arbítrio de sermos quem quisermos, ainda mais quando se trata de sentimento não podemos nem aceitar o descabimento do fato de amar o igual ser doença e por tanto passível de cura.

O tema amor e amizade é literato desde a antiguidade, podemos afirmar isso desde os textos bíblicos aos registros mitológicos. Um dos pilares básicos vinculados a literatura é ficcionalidade, mas não podemos afastar seu traço humano, ou seja, por meio de suas alegorias representam e problematizam a sociedade, levando o leitor a refletir a respeito de si, do outro e de sua relação com o tema em a literatura aborda.

A partir da leitura dos contos “Frederico Paciência” de Mário de Andrade e “Pílates e Orestes” de Machado de Assis este trabalho tratará da relação homoerótica nascida a partir do elo da amizade. São contos produzidos em épocas diferentes que se deslocam perfeitamente para nossa atualidade e se aproximam pelo tema comum existente em ambos: Amizade x Relação Homoerótica.

Mário de Andrade nasceu em São Paulo, desde de cedo escreveu poesias, mas sem intenção de fazer da escrita uma profissão; é um importante autor do modernismo brasileiro, considerado inclusive um dos fundadores do movimento. Mário nunca assumiu publicamente seu desejo homoerótico. No entanto, aqui neste trabalho pesquisamos a respeito da possibilidade do conto Frederico Paciência ser autobiográfico.

Machado de Assis foi um dos autores completos, escreveu contos, romances, poesias, peças de teatro, inúmeras críticas, crônicas e correspondências. Nasceu no Rio de Janeiro, frequentou muito pouco a escola mas era um curioso em aprender. Começou a colaborar para vários jornais, teve uma carreira meteórica como funcionário público. Com uma grande habilidade linguística, Machado trouxe para suas obras reflexos de

vivências pessoais diante da sociedade. Nas pesquisas elaboradas para o desenvolvimento deste trabalho fomos um pouco além deste ponto.

CAPÍTULO I

A amizade e as definições de Homossexualismo, Homoerotismo e Homoafetividade

1.1 Amizade

A amizade não tem um conceito comum ou uniforme dentro da cultura social. Mas é ela o pilar das redes de relações na vida. Escolher o tema amizade como ponto de partida para chegar na relação homoafetiva nos contos é uma maneira de confirmar que as possibilidades de atração afetivas e eróticas fazem parte das relações contemporâneas e ultrapassam as fronteiras religiosas, políticas e etc.

A diversificação do conceito de amizade bem como a sua prática variam conforme os lugares e o tempo, o que nos traz uma dimensão muito ampla, mas vamos afunilar dentro dos espaços sociais, pois é onde se passa os contos aqui tratados.

Como uma relação, a amizade não se identifica como algo institucional, mas sim como sentimento, que reflete o vínculo afetivo e aqui tentaremos entender em especial às relações que além do cerne central e norteador da amizade, as que envolve um homem com outro homem, com um viés erótico-afetivo.

Fazendo um percurso desde o mundo romano até a nossa contemporaneidade, delinearemos um conceito mais preciso, especialmente depois de sabermos o que os poetas e os filósofos falaram a respeito da amizade. Observaremos com o foco nas relações de amizade entre homens, de que forma elas se constroem e fortalecem no âmbito social, espaço este em que os elos afetivos são fragmentados e afetados pelas regras sociais, mesmo que em algum momento exista a sensação de tolerância, a amizade entre homens que se atraem ou gostam de homens se reinventam entre si, e resiste ao julgamento de valores pejorativos impostos pela sociedade.

Para Ortega (2002, p. 24) a relação entre a amizade e a filosofia era na verdade uma convicção compartilhada por todas as escolas da antiguidade, utilizada inclusive

pelas comunidades cristã, segundo o autor esse vínculo se mantém na Europa até o século XII, quando há uma divisão entre a teologia e a filosofia, devido à importância do surgimento das universidades.

Na tradição grega a amizade estava sempre vinculada ao Bem, centrada na prática da moral, com finalidades pedagógicas, visando sempre a formação do cidadão. Depois este vínculo passa para uma linha política, distanciando assim da filosofia. A amizade passa ser um pilar na formação sociopolítica das cidades.

Desde a Grécia antiga a amizade homoafetiva já era conhecida, em Dover, 2007; Naphy, 2006 há a descrição de um comportamento cultural grego: o erastes (homem mais velho) tinha uma prática pedagógica para com o erômenos (homem mais jovem), era baseada na troca de conhecimento e afeto, ou seja, uma relação homossexual, totalmente aceita e só encerrada após o mais jovem nascer os primeiros pelos no rosto e passar pelo ritual de passagem, onde era inserido na aristocracia como cidadão.

Na obra de Homero (poeta épico grego) podemos perceber de forma concreta como funcionava esse elo de amizade, onde a reciprocidade obrigatória era mais valorizada que o sentimento afetivo, na verdade fica claro que as relações interpessoais faziam parte de um sistema que abrangia desde a economia, a política e as guerras. O vínculo entre Aquiles e Pátroclo, em Ilíada, era constituído de lealdade, cuidado, existia uma paixão sexual, ensinamentos pedagógicos (especialmente em relação as guerras) e tudo é tratado como forma de amizade.

Aos poucos o espaço político foi deslocando a amizade para os ambientes privados. O afastamento da amizade nas sociedades contemporâneas está ligado diretamente ao processo de familiarização do privado, provocando uma série de fatores, como a incorporação do amor e da sexualidade no matrimônio, a incidência de um dispositivo biopolítico a respeito da família, ou seja uma nova figura centralizadora (ORTEGA, 2002, p.15).

Para Ortega (2002, p.91), a amizade é uma possibilidade de construção de uma comunidade e sociedade em que o indivíduo requer uma liberdade não institucionalizada e sugere a superação da auto elaboração individual para vislumbrar a dimensão coletiva: a amizade acentua o conflito entre o indivíduo e a sociedade, o que coloca a amizade no mesmo nível de importância de necessidades individuais e objetivos coletivos, valorizando sua interação.

A amizade cruza fronteiras e adentra nas estruturas básicas da vida social, vincula-se a expressão de proximidade, parentesco e companheirismo o que nos leva a reflexão na definição de Giorgio Agamben no ensaio *L'amici*:

A amizade é, de fato uma comunidade de pelo menos dois, e, como acontece em relação a si mesmo, assim também acontece para o amigo: e como, em relação a si mesmo, a sensação de existir (*aisthesis oti estin*) é desejável, assim também o será para o amigo.

No conto “Frederico Paciência”, de Mario de Andrade, o narrador (Juca) já informa de maneira confessional sua primeira sensação a respeito de Frederico Paciência: “uma simpatia deslumbrada” somada a uma imensurável admiração o faz se aproximar cada vez mais do “amigo”. E como na tradição grega, Juca define essa amizade como “(...) dessa espécie de saudade do bem, de aspiração ao nobre, ao correto, que sempre fez com que eu me adornasse de bem pelas pessoas com quem vivo.” (p.65)

A reciprocidade e a entrega empática de Frederico é ressaltada por Juca:

Frederico Paciência foi minha salvação. A sua amizade era se entregar, amizade era pra tudo. Não conhecia reservas nem ressalvas, não sabia se acomodar humanamente com os conceitos. Talvez por isto mesmo, num como que instinto de conservação, era camarada de toda a gente, mas não tinha grupos preferidos nem muito menos amigos. Não há duvida que se agradava de mim, inalteravelmente feliz de me ver e conversar comigo. Apenas eu percebia, irritado, que era a mesma coisa com todos. (p. 65)

Em “Píldes e Órestes”, há um acolhimento mutuo dos personagens, a amizade se torna um conforto, um espaço particular e sadio para ambos, uma vez em que o conto se passa num ambiente machista e numa sociedade totalmente patriarcal. Um estava ali para o outro.

Assim como Frederico e Juca, Gonçalves e Quintanilha compartilham uma atmosfera fraterna e pura até entrarem em conflito com o que recebem externamente: comentários “preconceituosos” com insinuações íntimas a respeito dos mesmo.

1.2 Homossexualismo, Homoerotismo e Homoafetividade

O termo *homossexualismo* se referia a pessoas que tinham relações com outras do mesmo sexo, mas tal vocábulo se remetia a um entendimento das relações sexuais afetivas entre pessoas do mesmo sexo como sendo uma enfermidade, perversão, doença. Jurandir Costa Freire afirma que o termo homoerótico é:

(...) preferível a ‘homossexualidade’ ou ‘homossexualismo’ porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem a ideia do ‘homossexual’. Isto significa, em breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente espirados na crença de que existem uma sexualidade e um tipo humanos ‘homossexuais’, independentes do hábito linguístico que os criou. (...) persistir utilizando tais noções significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nominação preconceituoso que qualifica certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico. (1992,p.11).

Michael Foucault, em *História da sexualidade* explica o processo que cria o sexo como forma de controle social, ou seja, é nesse momento que surge a medicalização como forma de conter o comportamento e o desejo sexual, levando para a marginalidade os que não se identificavam com relações monogâmicas, ou não tinham interesse em constituir uma família “tradicional” patriarcal. Neste momento não havia as definições de *hetero* ou *homossexual*, os definiam como: aberrações da natureza, sodomitas, loucos e pederastas.

Em *A face e o verso*, Jurandir Costa Freire mostra vários exemplos de civilizações que se relacionavam de formas diferentes com o corpo e não existia uma necessidade de dividir os seres humanos em homo ou heterossexuais, pois tal divisão nada tem de natural, apenas atende a uma necessidade preconceituosa da sociedade.

O homoerotismo é retratado artisticamente desde os tempos da antiga Grécia até o momento atual, mesmo em períodos de censura, as relações homoeróticas também fazem parte de manifestações literárias. Mesmo resiste e crescente, a literatura homoerótica, masculina ou feminina ainda não ganhou seu espaço na crítica e na teoria literária. Com a discussão sobre gênero ganhando algumas proporções públicas, bem como algumas conquistas de direitos da comunidade LGBTs de alguns anos recentes para cá, podemos ter esperanças de que o caminho para o reconhecimento começa a ser traçado.

Enfim a esfera judicial começou a amparar alguns direitos LGBTs e um pouco antes da corte suprema reconhecer a união estável entre duas pessoas do mesmo sexo surgiu o novo termo: *Homoafetividade* que segundo Jurandir Costa Freire (texto

eletrônico) é um termo contemporâneo, utilizado para desvincular o teor sexual das relações interpessoais, uma tentativa de alcançar o aspecto relevante dos relacionamentos: o afeto. Falar de amor e afetividade entre pessoas do mesmo sexo tornou-se mais leve, pois ganhou uma perspectiva, trouxe inclusive um novo ramo para o direito: *Direito Homoafetivo*, que segundo a Comissão da Diversidade Sexual da OAB tem o intuito de garantir, preservar e fazer cumprir o Estatuto da Diversidade Sexual amparado pela legislação.

Utilizaremos a palavra homoerotismo pois concordamos com sua concepção, destituída de todo peso negativo usado no passado, assim optamos pela discussão que envolve sentimentos, desejos em detrimento da rotulação fundamentada em preconceitos historicamente alimentada pela sociedade. Entendemos que o termo homoerotismo alinha-se com a manifestação literária de forma coerente.

CAPÍTULO II

A relação homoerótica nos contos

O *start* para o relacionamento dos personagens foi a amizade, a convivência mostrou a reciprocidade e o quer do Bem, um do outro. No conto “Frederico Paciência” narrado em primeira pessoa, Juca faz uso de um tom confessional para transparecer seus sentimentos, a princípio se confunde com a amizade até ele se ver platonicamente um admirador do amigo. No conto Machadiano, “Pilades e Órestes” o autor traz referências do mito grego para nos apresentar a relação de Gonçalves e Quintanilha.

A construção da relação homoerótica pelos autores Machado e Mário entre a amizade e o amor é uma ferramenta representada pela ficção que traz o debate do preconceito e o questionamento da sociedade patriarcal. No conto de Mario o desejo é claro, porém reprimido. Já em “Pilades e Orestes” entendemos nas entrelinhas que a relação se concretiza, mas é abortada, pois seus personagens cedem espaço ao ideal propagado pela sociedade: uma família constituída por pessoas de sexos diferentes. Ginzburg afirma:

O amor se constitui como expressão de espontaneidade. Em uma sociedade como a brasileira da primeira metade do século XX, em que as aparências e a rigidez moral eram cultivadas pela elite dominante, um texto como esse aponta para a existência de fissuras no sistema patriarcal. A imagem rígida de homens poderosos e confiáveis, estipulada pelo patriarcado, é associada, através do enredo de Mário de Andrade, a um lado diferente da masculinidade, do companheirismo entre homens. Essa associação ajuda a repensar os valores brasileiros e o processo de formação social. (2003: p.44)

Chamamos a atenção para a intensão homoerótica dentro dos contos, isso os aproxima, pois constituem uma estrutura narrativa dentro de uma especificidade da escrita e seus personagens estão envolvidos da temática. Denilson Lopes (2002, p. 33) questiona a respeito da representação homossexual como estrutura dentro da literatura

brasileira. Nesse sentido percebemos que a estrutura está voltada para a mensagem transmitida em ambos, pois apesar de trazerem conflitos que extrapolam a fronteira ficcional seus personagens não assumem uma identidade, o que fica claro é o desejo reprimido em um e uma relação encerrada no outro.

A admiração de Juca por Frederico os aproxima, e Juca se corrige: “imaginando que era apenas simpatia”, o que mais adiante nos confirma que não era apenas a simpatia que atraía Juca a Frederico, existia um sentimento mais intenso que os ligava. O conflito de sentimentos reflete o cotidiano do narrador e vai alimentando suas sensações, criando um jogo de desejos dentro do laço afetivo típico das relações românticas somado a idealização de Frederico por Juca, comportamento comum aos apaixonados, momento e que nem os defeitos são enxergados e o simples querer estar junto se torna desejo diário. O conto começa com o nome de Frederico, Juca cita seu nome 57 vezes, seu nome é o título da obra, todos os adjetivos qualitativos são direcionados para Frederico: “Ele tinha o rosto iluminado por uma frincha de janela vespertina. Estava tão lindo que o contemplei embevecido.” (Andrade, p. 97) Diante de tanta afeição o que temos é uma narrativa que materializa o desejo homoerótico de Juca.

Machado nos traz o desejo homoerótico escrito de maneira sutil, a princípio o leitor é levado a uma ambiguidade, pois o narrador traz fatos ligados a amizade e a um sentimento paternal. Mas no decorrer do conto algumas passagens nos confirma a existência dessa relação homoerótica, interrompida pela preocupação do que a sociedade julgava.

“Uma só cousa desejo (...) é que nos separemos, para que se não diga ..” (Assis, 2001, p. 64) e Quintanilha reagiu: “Não, Gonçalves, tudo o que você quiser menos isso. Quem escolhe meus amigos sou eu, o meu coração. (Ibidem, p.64) O diálogo traz a preocupação de Gonçalves sobre a repercussão da amizade deles já Quintanilha demonstra seu apego emocional e sentimental por Gonçalves confirmando a existência do vínculo homoerótico.

“A vida que viviam os dois, era a mais unida do mundo. Quintanilha acordava, pensava no outro, almoçava e ia ter com ele. Jantavam juntos, faziam alguma visita, passeavam ou acabavam a noite no teatro”. (Assis, 2001, p. 64). Mais uma passagem em que a união deles deixa de ser uma sugestão e passa se materializar como homoerótica.

“A união dos dois era tal que uma senhora chamava-lhes os ‘casadinhos de fresco’, e um letrado, Píldes e Orestes”. (Assis, 2001, p. 66) Aqui gostaríamos de ressaltar que Green (2000) nos explica o uso do termo “fresco” para denominar homem

que praticava relações sexuais com outros homens, percebemos mais uma vez a relação homoerótica entre Gonçalves e Quintanilha.

CAPÍTULO III

O Conto Pílates e Orestes

Neste conto Machado compõe o cotidiano do final do século XIX da cidade do Rio de Janeiro e pode ser considerado ousado por trazer seu veio realista e reflexivo narrando em torno da amizade uma afetividade, ora estamos no século XXI e o amor entre iguais até hoje causa polêmicas. Neste período a sociedade se caracteriza pelo patriarcalismo imbuído de um machismo latente.

Machado se apropria habilmente do mito grego para a construção da narrativa trazendo elementos que enriquece o texto, citando Sófocles por exemplo. Orestes está na Odisseia, é o filho caçula de rei Agamêmnon e após a morte do monarca é perseguido mas consegue ser salvo por sua irmã Electra, cresceu seguro em outro reino e assim pode se tornar amigo inseparável de Pílates, filho do rei. Ao atingir a maioridade recebeu a missão de vingar a morte do pai, levou consigo o amigo Pílates. Orestes comete o matricídio, pois sua mãe estava diretamente envolvida com a morte de Agamêmnon. Com essa tragédia Orestes enlouquece e recebe a ordem de partir em busca da estátua de Ártemis, para se livrar da loucura.

No conto temos dois amigos inseparáveis, estudaram, se formaram e moravam juntos. Quintanilha e Gonçalves pertencem a classes diferentes da sociedade, sendo o primeiro uma pessoa de imagem pública e descendente de uma família financeiramente abastada, já Gonçalves representa a maior classe de brasileiros: trabalhador. Após receber uma herança, Quintanilha rompe os laços com a família e encontra em Gonçalves todo acolhimento e disposição que precisava.

Na oração a seguir vemos uma ferramenta sempre presente nas narrativas machadiana, onde o narrador envolve o leitor, “(...) não se pode dizer que Quintanilha fosse inteiramente, com vais ver” (Assis, 2001, p.63), na teoria da narrativa é chamado de narratário (Cf. Santos e Oliveira, 2001), momento em que o narrador traz o leitor

para o texto de forma material, uma interação real da narrativa, do leitor e o personagem.

O reflexo do preconceito da sociedade começa a aparecer no texto quando algumas pessoas passam a referir sobre eles como casadinhos. A amizade estava cedendo espaço a um relacionamento homoerótico. O narrador insinua tal relação, não é tratado de forma clara, mas o comportamento dos personagens nos evidencia e confirma tal sugestão.

O crítico Roberto Schwarz afirma que não há nada que aconteça nas relações sociais de um país que não sido, antes de qualquer coisa, motivação literária para os autores. Logo percebemos na obra que Machado faz uso da representação – a imitação – assim podemos perceber que além dos personagens, o autor se aprofunda em seus sentimentos e consequentemente seus comportamentos.

O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras, silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A referência local e histórica não é de somenos; e para a crítica sociológica é quase-tudo. De todo modo, pulsa neste quase uma força de universalização que faz Machado inteligível em línguas, culturas e tempos bem diversos do seu vernáculo luso-carioca e do seu repertório de pessoas e situações do nosso restrito oitocentos fluminense burguês. (BOSI, 2003, p. 11)

A sociedade burguesa sempre fez parte de suas obras, podemos trata-la como personagem também. Machado traz todo o contexto universal humano em seus personagens, suas observações e críticas são profundas e reflexivas. Apesar de suas obras terem sido escritas numa distância temporal, ainda refletem com veracidade a nossa atualidade, pois o que percebemos é que Machado conseguiu em conteúdo explorar o comportamento humano e em se tratando de ser humano temos alegorias que até hoje não foram superadas.

CAPÍTULO IV

O conto Frederico Paciência

Entre tantos mergulhos na pesquisa a respeito de Mario de Andrade uma motivação especial nos faz desdobrar a respeito do conto Frederico Paciência: a construção do conto se deu por inúmeras reescrituras chegando a durar dezoito anos até sua versão final, poderia apenas ser um detalhe curioso que engrandecesse o processo criativo deste autor modernista, mas o que perpassa nossos pensamentos é essa revelação não explícita: a ideia de ter como foco no enredo o conflito de uma amizade se transformando num sentimento homoerótico.

Seriam essas reelaborações reflexo do próprio Mário a respeito de sua sexualidade? Sua vida pessoal sempre foi tratada com muita descrição e cuidado, o que se sobrepõe em seus materiais biográficos está sempre vinculado a sua importância na representação literária, seu amor pela escrita, sua atuação como um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, sua passagem pela música popular registrando o folclore do norte do nordeste brasileiro e servidor público.

A convivência muito próxima de Mario com seu amigo Oswald de Andrade, cujos casos amorosos não eram segredos, somado ao comportamento discreto e religioso colaboraram para uma imagem que supria a expectativa de uma sociedade burguesa machista e patriarcal que olhava Mario de Andrade como um solteiro católico pertencente a congregação Mariano.

O processo de finalização do conto nos sugere um espelho autobiográfico do autor, pois fazendo uma analogia quanto à forma nos deparamos com obras mais complexas, como Macunaíma por exemplo, que foi elaborado em apenas três semanas apesar de ter demandado de Mario uma pesquisa mais aprofundada e longa. Tal fato

reflete no enfrentamento pessoal que o autor passou ao ter que manter uma imagem pública coerente inclusive com sua prática religiosa e renegando assim como o personagem Juca um desejo natural homoerótico.

Diferente do Conto machadiano Pílades e Orestes, onde a narrativa deixa uma sugestão nas entrelinhas a respeito do desejo e da relação homoerótica, em Frederico Paciência o desejo homoerótico está explícito e claro, apesar de angustiante, especialmente por que é um desejo intenso e que não se consuma. O narrador percorre o caminho da transfiguração do sentimento de amizade em um sentimento amoroso acompanhado da atração.

Algumas reflexões nos levam a responder os motivos pelos quais essa relação homoerótica não se concretiza, um deles certamente é o preconceito alimentado pela sociedade brasileira do século XX e expressado pelo narrador de maneira pontual e sutil: “(...) Mas aquele telegrama era uma recusa formal. Sei que em mim era sempre uma recusa desespera...” (p. 73)

Isso confirma o que Costa problematiza em suas pesquisas mostrando que as dificuldades sentimentais envolvidas num amor homoerótico romântico começou a ser construído no ocidente em forma de crítica severa onde incluía valores religiosos como base para uma certa imposição comportamental dentro da sociedade. Mas Costa lembra que a tensão social é criada por qualquer relacionamento que foge ao padrão esperado, seja ele um relacionamento extraconjugal, ou aqueles que possuem inúmeros relacionamentos não duradouros. Dessa forma não é uma tensão exclusiva de uma relação homoerótica, pois o cerne desse impasse está no pensamento coletivo, ora alimentado pela curiosidade e erotização versus a idealização do componente físico ligado ao desejo que alimenta o sentimento latente dos indivíduos envolvidos, confirmado no contexto de Juca e Frederico onde a opinião da sociedade e a repreensão tinham realmente um peso que incomodava os personagens. Outro ponto que pode ter contribuído para essa não realização poderia ser a idade dos personagens, pois são adolescentes em fase de descobertas de interesses e desejos, onde a liberdade era restrita e vigiada.

A obra literária está ligada a contexto social que se originou e a presença de problemas sociais refletem as experiências do autor, possibilitando uma recriação da realidade, mas dentro do texto se torna ficcional. Essa relação entre obra e mundo

acontece de forma dialética, isto é, a literatura por ser e se constituir como tal não substitui a realidade, mas traz questões da representação social e humano.

O conto narra a amizade entre dois rapazes jovens e Juca se descreve com feio, fraco, franzino. Já Frederico era exuberantemente belo, outrora referido com o sinônimo de vitória, cheio de saúde, musculosos, dotado de perfeição moral e física. Com essa descrição o autor nos remete ao ideal de grego, ao classicismo, portanto nos traz a ideia de que Frederico era uma pessoa que refletia a aceitação social por trazer traços europeus.

A admiração exaltada de Juca por Frederico transparece a semente do amor já plantada na amizade, neste instante, rompe-se a linha tênue do sentimento fraterno e da homoafetividade. Aos poucos a intensidade do sentimento vai sendo traçada de maneira sensível e angustiante, fazendo um movimento de avanço e recuo conduzidos pelo temor e pelos julgamentos absorvidos da sociedade de que carícias e um beijo são atos que representam uma transgressão. “ (...) imitacion no puede significar sino conversión de um reflejo de um fenómeno de la realidade em la práctica de um sujeto” (LUKÁS, 1978:07)

Alfredo Bosi, ao citar Lucien Goldman (BOSI, 1994), diz que a obra literária é uma expressão do conflito do próprio autor com a sociedade, corroborando com Antônio Candido que ressalta a importância da crítica literária abordar os aspectos externos e internos da obra literária dando relevância inclusive aos movimentos sociais e psicológicos que norteiam a criação da obra (CANDIDO, 1973).

É importante ver que, ao carregar tanto nas aflições, a obra está reclamando alguma outra forma de vida, infelizmente indisponível, mas que aí está como projeção. O mundo das aflições, que chamaremos, na perspectiva da crítica dialética, de mundo da necessidade, exige outro mundo, o da liberdade. Sem essa contraposição, a obra perderia seu sentido. Só a possibilidade de existência de uma vida sem aflições torna possível a escrita de *A hora da estrela*. (BASTOS, 2011: 11/12).

Portanto, o autor constrói o texto literário com materiais oriundos de sua vivência pessoal. Logo podemos confirmar nosso pensamento quanto ao Conto “Frederico Paciência”, onde o autor Mario de Andrade trouxe a tona um espelho de sua própria vida, revelando seus sentimentos num tom confessional na voz em primeira pessoa do narrador.

Considerações finais

Pesquisar os textos literários percorrendo o caminho da interpretação e da análise quase sempre nos permite a compreensão do humano, especialmente a representação dos sentimentos, conflitos sociais, pessoais e culturais. Entre tantos temas abordados na literatura, o mais problematizado é o das relações amorosas e eróticas, isso pode ser confirmado pelas obras em questão que foram escritas em diferentes épocas, lugares e contextos.

Nos contos analisados percebemos a construção da relação homoerótica construída a partir da amizade. Foi esse o primeiro elo para descoberta do desejo. Dessa forma entendemos a importância da amizade percorrida dentro da literatura. Portanto concluímos nesse sentido que a amizade é um vínculo subjetivo de afeto e emoção, uma experiência pessoal e profícua, baseada primeiro numa afinidade, numa empatia e se estabelecendo e pela convivência, conforme acompanhamos nos contos é uma relação mútua e voluntária.

Ambos os contos se aproximam pelo tema, trazem a relação homoerótica entre seus principais personagens, Mario de Andrade nos apresenta um texto objetivo com tom confessional em primeira pessoa, nos deixa claro o desejo homoerótico existente ali entre os personagens. Sabemos que o narrador não é Mário, mas dentre tudo o que foi pesquisado chegamos ao entendimento que tal narrativa refletiu os impasses de seu desejo homoerótico, conflito visível e angustiante, pois se mostra dividido entre o sentimento nobre da amizade e o desejo homoerótico não aceito pela sociedade.

Machado nos traz um texto com intertextualidade mitológica, para Barthes (1987,p.52), “o escritor não pode deixar de imitar um gesto sempre anterior, nunca original; o seu poder é o de misturar as escritas (...)”. O tema homoerotismo vem com outra dimensão, os amigos já vivem uma relação homoafetiva. O desejo homoerótico se concretiza mas é abortado, diante dos receios que os personagens passam a alimentar diante dos comentários externos. Há uma abordagem reflexiva e profunda em que Machado mostra o contexto de uma sociedade conservadora e intolerante e deslocando esse comportamento para a atualidade, se encaixa, temos os mesmo comportamentos, assim entendemos que as experiências do autor também influenciaram na constituição do conto.

Paz (1994, citado por Silva, 2010, p.53): “uma das funções da literatura é a representação das paixões”, corroborando com o que vemos nos contos. Sempre teremos amores que a sociedade considerará, proibidos, errados, doenças; julgamentos que ultrapassarão as barreiras sociais e culturais como o amor homoerótico, amor com idades díspares, amor de desavenças como Romeu e Julieta, de Shakespeare, amores voltados para a relação de poder e oposições religiosas por exemplo. No caso da relação homoerótica a literatura ainda incomoda, ou seja, não deixa de ser um reflexo da intolerância da sociedade, temos esperanças de que algum dia esse contexto possa ser diferente e não vir a causar tais incomplacências, afinal temos obras renomadas e de grande valor literário em que questões de gênero e sexualidade aparecem, mas estranhamente não incomodam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Ética a Nicômocaco. 2. ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2007.

AUERBACH, Erich. Mimesis. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. Tradução sob direção de Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1985.

BASTOS, Hermenegildo & ARAÚJO, Adriana (orgs.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: Editora da UnB, 2011.

_____. A obra literária como leitura/interpretação do mundo. In: BASTOS, Hermenegildo & ARAÚJO, Adriana (orgs.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: Editora da UnB, 2011.

_____. Dialética – Por quê? Para quê? In: BASTOS, Hermenegildo & ARAÚJO, Adriana (orgs.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: Editora da UnB, 2011b.

COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo. 4 . ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

DERRIDA, Jacques. Políticas da amizade. Porto, Portugal: Campo das Letras, 2003.

DOVER, Kenneth James. A homossexualidade na Grécia antiga. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

GREEN, James Naylor. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

GREEN, James e POLITO, Ronald. Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos 1750-1880*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

LUKÁCS, György. *Estética I. La peculiaridade de lo estético*. Barcelona – México: Ediciones Grijalbo, 1972.

_____. *Ensaio Sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000b.

Sites visitados:

machado.mec.gov.br

objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285805.pdf

www.dominiopublico.gov.br